

Esporte brasileiro lamenta a morte de promessa do taekwondo

Cauã Batista, de 18 anos, faleceu após ser vítima de atropelamento em Botafogo

Reprodução/Instagram

“Se eu marcasse um treino no Natal, ele estava lá. Sempre pontual e, às vezes, o único a ir. Comia tatame”. Esse é um trecho de um texto que o técnico Luan Dias fez em homenagem a Cauã Batista. O jovem atleta, promessa do taekwondo brasileiro, morreu no último dia 24, aos 18 anos.

Cauã ficou internado por uma semana no Hospital Miguel Couto após ser vítima de um atropelamento em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Uma campanha para doação de sangue chegou a ser feita pelas redes sociais no decorrer deste período.

O lutador, que treinava na Soares Team Taekwondo, ocupava a segunda colocação do ranking sub-21 do Rio de Janeiro. Ele estava inscrito para integrar a Seletiva Aberta Nacional, que começou nesta quarta-feira (25) - seria a primeira dele.

Em janeiro, Cauã participou de um período de treinos com Diego Ribeiro, técnico da seleção brasileira.

“Teve um dia, após um treino mais puxado, que ele passou mal. Depois de recuperado, brinquei com ele e, a partir daí, pegamos um pouco mais de intimidade. Foram alguns dias, mas vi que era um menino muito bom, educado, talentoso no taekwondo. Se destacou nos treinos”, conta Diego à reportagem.

“Durante esse período na clínica, se mostrou talentoso. Tinha um potencial muito grande, disciplinado, educado... Tinha os princípios que a arte marcial preza. Foi uma grande perda para o taekwondo, era uma promessa no esporte”, lamentou Diego Ribeiro.

A morte de Cauã gerou notas de entidades como Confederação Brasileira de Taekwondo (CBTKD), Ministério do Esporte e La Unión Panamericana de Taekwondo. Alguns nomes de destaque da modalidade se manifestaram através dos comentários nas postagens, como Netinho, Milena Titoneli, Paulo Ricardo, Sarah Alicia e Sandy Macedo.



Jovem era considerado uma das maiores promessas do taekwondo brasileiro

Nas homenagens dos amigos nas redes sociais, algo em comum além das palavras com tom de tristeza: a música “o show tem que continuar”, a favorita dele. Às vezes na versão do Fundo de Quintal e outras na voz de Arlindo Cruz, a canção se fez presente nas mais diversas despedidas.

Cauã, recentemente, tinha celebrado uma conquista longe dos tatames: a aprovação em Engenharia Ambiental na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

teza: a música “o show tem que continuar”, a favorita dele. Às vezes na versão do Fundo de Quintal e outras na voz de Arlindo Cruz, a canção se fez presente nas mais diversas despedidas.

Cauã, recentemente, tinha celebrado uma conquista longe dos tatames: a aprovação em Engenharia Ambiental na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Jornada de ‘muita insistência’

Luan Dias conta que Cauã começou no taekwondo após, ainda com oito anos, insistir muito em entrar nas aulas.

“Foi meu primeiro aluno infantil. Neguei ele muitas vezes, porque na turma só tinha adulto e graduado. Como eu ia inserir uma criança em um contexto desses, e faixa branca?

Se acontecesse algo, eu seria o responsável, e eu estava começando minha caminhada de professor. Até que, depois de muita insistência, deixei”.

O técnico classifica Cauã como alguém que era “autodidata nato” e lembra que ele “aprendia as coisas sozinho, vendo vídeo, e aplicava na aula”.

“Esse cara amava a vida como nunca vi ninguém amar. Era intenso em tudo que se propunha a fazer. A intensidade era a maior virtude dele, mas também era o que mais atrapalhava em campeonatos, porque queria sempre fazer coisas mirabolantes. Queria pular, girar e etc. O negócio dele era lutar fazendo tudo que tinha direito. E eu avisava ‘não dá para ser assim. Em competição é diferente’”, comentou Luan Dias.

Luan lembra da paixão que Cauã tinha pelo taekwondo. Segundo ele, o jovem comparecia aos treinos independentemente de datas e até ajudava a dar instruções. Com o tempo, se tornou o capitão da equipe de luta da Soares Team.

“Se eu marcasse treino no Natal, ele estava lá. Sempre pontual e, às vezes, o único a ir. Comia tatame. Ajudava do mais velho ao mais novo, do faixa branca ao faixa preta. Ficava uma hora explicando porque amava compartilhar conhecimento”, disse Luan.

“Foram 10 anos sem ganhar alguma coisa. Poderia ter largado, mas a paixão pela arte marcial falou muito alto. ‘Caramba, o moleque não desiste’. Não era o atleta mais famoso do Rio e nem do Brasil, mas era conhecido por todos do meio pela sua persistência, insistência e respeito pela arte marcial”, conta.

Por Alexandre Araujo (Folhapress)

NBA acompanha sucesso da NFL, mas não planeja jogo no Brasil tão cedo

A NBA acompanha de perto o crescimento da NFL no mercado brasileiro após a realização de jogos no país, mas não tem planos a curto prazo para fazer o mesmo.

Sem previsão

A NBA não planeja trazer jogos para o Brasil tão cedo. A reportagem apurou que a liga tem intensificado esforços para cativar e atrair fãs, mas entende que não há estrutura para a realização de uma partida nos próximos anos.

Os ginásios brasileiros são o maior impeditivo neste momento. A NBA avalia que eles não atendem às condições necessárias para receber um jogo da liga neste momento e que seriam precisas algumas adequações mais pesadas.

O cenário é diferente ao da NFL. A liga de futebol americano

vai realizar seu terceiro jogo no Brasil ainda neste ano, tendo o Dallas Cowboys como mandante, no Maracanã. Nos anos anteriores, as partidas foram disputadas em São Paulo, na Neo Química Arena. Ambos são estádios de futebol e precisaram passar por poucas adequações.

O clima não é de concorrência. Fontes disseram à reportagem que o crescimento de uma liga “concorrente” no mercado brasileiro é bom para ampliar o interesse nos esportes mais tradicionalmente ligados aos Estados Unidos e expandir as marcas.

Se houvesse um jogo da NBA no Brasil, a prioridade seria São Paulo. Nas três vezes em que a liga realizou jogos no Brasil - todos de pré-temporada -, eles foram disputados no Rio de Janeiro.

A NBA não tem um time dispu-

tando um jogo realizado no Brasil desde 2015. Naquele ano, o Orlando Magic veio e venceu o Flamengo por 90 a 73. Em 2013, o Chicago Bulls bateu o Washington Wizards por 83 a 81. A melhor partida aconteceu em 2014, quando o Cleveland Cavaliers - com LeBron James - venceu o Miami Heat por 122 a 119.

Enquanto não volta ao Brasil com um jogo, a NBA tenta estreitar laços com as ligas locais e com o público. Entre 3 e 21 de junho deste ano, a liga vai realizar a 10ª edição da NBA House, evento em São Paulo que tem ativações e telões para os fãs assistirem às finais do torneio. Ao mesmo tempo, diretores conversam com dirigentes das competições brasileiras para estreitar laços e firmar eventuais parcerias.

Por Renan Liskai (Folhapress)



Chicago Bulls

NBA cita a estrutura dos ginásios brasileiros como empecilho